



leYa

Uma **Bruxa
Apaixonada**

LIVRO DOIS

RUTH WARBURTON

Ficha Técnica

Copyright © 2012 Ruth Warburton
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2014
Título original: *A Witch in Love*

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Produtoras editoriais: Pamela Oliveira, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Tradução: Débora Isidoro
Preparação de texto: Poliana Oliveira
Revisão: Iraci Miyuki Kishi
Diagramação e adaptação de capa: Vivian Oliveira
Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Warburton, Ruth
Uma bruxa apaixonada / Ruth Warburton; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo: LeYa, 2014.

ISBN 9788544100226

Título original: *A Witch in love*

1. Literatura inglesa 2. Ficção 3. Fantasia I. Título II. Isidoro, Débora
14-0150 CDD–823

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa

2014

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP

www.leya.com.br

*Para meu pai.
E para Meg, Kate e Eleanor.*

NOTA DA AUTORA



Muitos de *Uma bruxa apaixonada*, mas eu gostaria de mencionar alguns em especial que garimpei para as citações diretas.

O primeiro é o *Malleus maleficarum*, de Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, que é citado pelos guardas de Anna no Capítulo Dezenove.

A dedicatória na primeira página da coletânea de John Donne – que Seth dá a Anna – contém versos tirados do poema “The good morrow”, de Donne.

E, finalmente, o poema citado na carta da mãe de Anna é um trecho condensado de um sermão do Cônego Henry Scott Holland, parte de uma passagem algumas vezes chamada de “A morte não é nada”. Eu o abreviei e acrescentei um verso que não está no original para atender aos meus propósitos.

As citações da Bíblia foram todas extraídas da versão King James¹.

¹. A versão em língua portuguesa consultada na edição brasileira foi a Bíblia Almeida Corrigida e Revisada Fiel. (N. da E.)

CAPÍTULO UM

– Feliz Natal – eu digo e em seguida me inclino para beijá-lo.

Quando nossos lábios se encontram, sinto uma brisa de flocos de neve em torno de nossas cabeças.

– Droga. – Recuo sentindo meu rosto vermelho e quente, resultado de uma mistura de raiva e vergonha. A neve caiu sobre os cabelos escuros e cacheados de Seth e derreteu em cima da mesa do restaurante. Nenhum dos outros clientes percebeu, e Seth apenas abriu aquele sorriso largo, arrasador. Eu não retribuí o sorriso. Em vez disso, balancei a cabeça na direção dele, ainda com o rosto quente.

– Não sorria... Tenho que ter controle sobre isso, Seth.

– Desculpe. É que foi tão bonito.

Beleza não é bem a questão. Meus deslizes podem nos causar problemas sérios – talvez até nos matar, se eu não me controlar. Seth viu minha expressão e segurou minha mão por baixo da toalha de mesa.

– Está ficando mais forte, não é?

Concordo, balançando a cabeça.

Raramente a reação era a mesma: às vezes as plantas mais próximas floresciam de repente; às vezes o sol aparecia brilhante, apesar da chuva torrencial; às vezes todas as luzes piscavam como se houvesse algum problema de energia.

– Não se preocupe – disse Seth. – Ninguém notou.

Olho em volta e examino o restaurante de iluminação suave. Era verdade, todas as outras mesas estavam ocupadas por casais entretidos em suas conversas e famílias reunidas para as comemorações do Natal, todos preocupados demais para notar

dois jovens e, menos ainda, a rápida precipitação de neve sobre a mesa deles. Tive sorte. Desta vez.

Olho de volta para Seth. Ele me observava em silêncio, as velas refletidas em seus olhos cinzentos. Seth havia se vestido com capricho para a noite, descartando os habituais e velhos *jeans* e a camiseta rasgada que usava para velejar por uma camisa branca e impecável – passada, inclusive –, aberta no colarinho, revelando a linha do pescoço e um triângulo de pele muito bronzeada dos dias passados à beira-mar. Ele era lindo, e eu ainda não conseguia acreditar que éramos um casal havia seis meses – mas voltei a me concentrar na questão importante.

– Alguém um dia vai notar. Lembra quando chamusquei a grama sob os nossos pés? Se não fosse um dia chuvoso, aquilo poderia ter se transformado em um incêndio na floresta.

– Mas *era* um dia chuvoso – Seth lembrou. – Portanto, não aconteceu nada. De certa forma, você tem algum controle sobre isso.

Algun controle. O problema era esse *algum*. Apoiei o queixo nas mãos.

– Isso não aconteceu com Emmaline.

– Emmaline teve dezessete anos para se acostumar com a condição de bruxa. Você teve seis meses, e seu poder cresceu durante todo esse tempo. Não é de surpreender que você esteja levando algum tempo para se acostumar com a situação. Teria que ser sobre-humana para lidar com uma mudança dessas imediatamente.

– E eu não sou sobre-humana. Na verdade, sou depressivamente medíocre.

– Não tem nada de medíocre em você, Anna – Seth protesta com firmeza. – E você vai *conseguir* lidar com isso. Eu sei que vai.

– Espero que sim. – Engoli o nó na minha garganta que deixava meu peito apertado e tentei sorrir. – O que fez você pensar que era uma boa ideia ter uma namorada bruxa?

– *Adoro* namorar uma bruxa. Neve repentina, panes elétricas e tudo isso. Eu não trocaria por nada.

– Ah, é? Mesmo com a constante preocupação com o clima? Você me ama de verdade, ou nosso relacionamento não passa de um efeito colateral prolongado de um encantamento accidental?

– Anna... – Seth falou, e havia um tom de advertência na sua voz. – De novo não. Pela última vez, isso *não* me preocupa. Se você se incomoda, vai ter que superar. Fim da história.

Mordo o lábio, lamentando ter tocado no assunto e ameaçado o clima de felicidade. Seth estava certo. Eu já tinha superado esses receios, eu *tive* que superar. Acabei com aquele encantamento de todas as maneiras possíveis – do ponto de vista de Seth, o assunto estava encerrado, a magia tinha acabado.

Eu não podia continuar nos atormentando com minhas dúvidas, nos castigando por um engano cometido havia muito tempo. E de qualquer jeito, durante seis meses eu vivia a vida de uma garota normal de dezessete anos, uma menina com um namorado lindo e adorável. Sem encantamentos. Sem magia. Bem – eu me corrigi, pensando naqueles flocos de neve –, *quase* sem magia.

E estava funcionando. Estávamos bem. Tudo estava bem. Desde que eu conseguisse me controlar, tudo ia ficar bem.

Óleo e água, sussurrou uma voz traiçoeira em minha cabeça quando levei à boca a última colherada do jantar.

Empurrei o prato para longe e senti uma náusea repentina.

No mesmo instante, o garçom apareceu e começou a limpar a mesa.

– Sobremesa, senhorita? Senhor? – Ele começou a recolher as migalhas com uma pequena faca de prata. – Café? Chá?

– Para mim não, obrigada. – Olho para Seth. – Quer alguma coisa?

Ele balança a cabeça.

– Só a conta, por favor.

O garçom se curva, em uma reverência sutil, e desaparece.

– Então, quais são seus planos para amanhã? – Seth perguntou enquanto esperávamos a conta. – Quer ir velejar? Estou experimentando o novo leme.

Estremeço ao pensar na água escura e gelada e no vento cortante do mar em dezembro, mas falo apenas:

– Não posso, vou levar Emmaline a Londres para as compras de Natal.

– Ficou maluca? – Seth parecia horrorizado. – Faltam só três dias úteis para o Natal e você vai enfrentar as lojas de Londres? É tão ruim quanto Winter em um sábado.

– Vamos sobreviver. E você também; é o único para quem já comprei uma coisinha.

– Não precisa se preocupar. – Seth segurou minha mão e beijou a área sensível na parte interna do pulso. – Se eu tiver você e meu barco, não preciso de mais nada.

Era verdade, eu nunca havia conhecido ninguém menos apegado aos bens materiais que Seth. Quando olhei em seus olhos, parei de respirar por um segundo e deixei escapar uma risada trêmula.

– Bem, vai ter que fingir muito bem no dia de Natal. Vou ficar furiosa se esquecer de abrir seus presentes e for velejar, em vez disso.

Seth fez uma careta e abriu a boca para responder, mas foi interrompido por um cutucão em seu ombro.

– Com licença... – Era uma ruiva linda, que estava sentada na mesa atrás da nossa com um grupo de amigos. – Não conheço você de algum lugar?

– Acho que não. – Ele sorriu com simpatia, mas balançou a cabeça.

– Não, eu conheço sim – ela insistiu. – Você não é o *barman* daquele *pub* em Winter? Qual é o nome... o Coroa e Âncora?

– Ah, sim. – Desde que completou dezoito anos, há dois meses, Seth ajudava a mãe trabalhando no bar, nas noites em que faltavam funcionários. – Sim, sou eu. É possível que tenha me visto lá.

– Você se lembra de mim? – Ela sorriu flertando, ignorando completamente minha presença. Eu teria ficado aborrecida, não fosse o desinteresse tão evidente de Seth.

– Desculpe, não. – Seth balançou a cabeça outra vez.

A garota lançou um olhar de leve irritação e em seguida jogou os cabelos.

– Ah, bem, vai lembrar na próxima vez. Aliás, meu nome é Zoe. A gente se vê quando eu for a Winter de novo!

Seth só balançou a cabeça e riu, e nesse momento o garçom chegou com a conta. Pagamos, levantamos a gola dos nossos casacos e saímos pela porta do restaurante em direção à noite gelada que nos esperava do lado de fora.

*

Havíamos estacionado o carro longe, mas eu tinha comido tanto que não me incomodei com a caminhada, e seguimos sem pressa pelas ruazinhas de Brighthaven. Andávamos de mãos dadas, olhando as vitrines iluminadas das lojas. Todas haviam sido decoradas para o Natal, com pisca-piscas e neve falsa, e a paisagem me fez sentir um calor por dentro. Sempre amei o Natal, cada momento dele, desde o primeiro contato com a meia cheia na escuridão da manhã de Natal até o último sanduíche de peru e sobras na noite do dia vinte e seis. Este seria nosso primeiro ano na Casa Wicker. Meu pai ia montar a árvore esta noite, e eu já conseguia imaginar como ela ficaria linda embaixo das vigas escuras da sala de estar, cercada por nossas decorações antigas, com a luz do fogo refletida pelo vidro colorido. Também seria meu primeiro Natal com Seth. Na verdade, tudo era quase perfeito. Ah, eu podia reclamar das minhas notas e da recuperação, mas, no geral, estava tão feliz que chegava quase a doer. Às vezes me perguntava o que havia feito para merecer tudo isso, como se fosse bom demais para ser verdade.

Estava tão entretida com esse pensamento que só a pressão crescente do braço de Seth contra o meu me preveniu de que havia alguma coisa errada. Olhei para ele; seu rosto expressava ansiedade e os passos eram mais rápidos, alcançando uma velocidade quase desconfortável.

– O que foi? – perguntei.

– Shhh – ele respondeu em voz baixa. – Não olhe em volta, mas dois homens estão seguindo a gente.

Apesar do aviso, eu me viro e vejo dois homens andando despreocupadamente atrás de nós, ambos vestindo moletons com capuz.

– Devem estar indo na mesma direção que nós, só isso – cochicho de volta.

Seth parece apreensivo.

– Talvez, mas é uma direção bem estranha. Estamos fazendo um ziguezague sem nenhum sentido, olhando vitrines, e eles estão atrás de nós o tempo todo.

– Vamos virar aqui – sugeri, indicando uma pequena travessa que nos levaria de volta ao restaurante. – Não existe nenhuma possibilidade de eles irem para lá também. A rua volta para o lugar de onde viemos. Se nos seguirem até lá, vamos ter certeza, e podemos bater em uma porta qualquer ou fazer alguma coisa.

Seth assentiu e seguimos pela viela. Os dois homens atrás de nós fizeram a mesma coisa, e um deles olhou rapidamente para os dois lados da rua principal para ver se alguém os observava. Senti um frio no estômago e, de repente, pensei que tinha sido de uma estupidez terrível entrar naquela viela deserta. Só quando ouvi Seth resmungar um palavrão com um tom de pânico na voz, percebi o quanto tínhamos sido burros. Não era uma viela; era um beco sem saída.

Quando chegamos ao fim, senti Seth apertar minha mão. Não havia alternativa. Teríamos que enfrentar os dois. Meu estômago revirou como se o chão se movesse sob nossos pés, e nós viramos.

– Entreguem os telefones – disse o mais alto, com sua voz sibilante sob o capuz.

As palavras deviam ter me assustado, mas, em vez disso, suspirei aliviada. Eles eram só homens comuns – garotos, na verdade. Nada do que eu temia desde que vi as sombras escuras daqueles rostos escondidos. E podia dar o que eles queriam. Abri a bolsa, satisfeita por entregar qualquer coisa que nos tirasse daquele beco.

– E o seu – disse ele para Seth.

Seth suspirou e tirou o telefone do bolso.

– Carteira.

– Pode levar o dinheiro – Seth avisou, abrindo a carteira para pegar as notas –, mas a carteira fica.

– Cale a boca e entregue logo essa coisa.

– Escute, não tem nenhum valor. É só uma carteira de couro barata. – Seth entregou todo o dinheiro. – Aqui tem sessenta dólares, mas deixe a carteira. Você sabe que vou acabar bloqueando os cartões.

Meu coração está na boca, e tenho que apertar bem forte os dentes para não gritar “entregue a carteira, idiota”, mas eu sabia por que ele não queria entregá-la. Era a carteira do pai dele, uma das poucas coisas que Seth mantinha guardadas desde que ele havia morrido, fazia quatro anos.

– En-tre-gue-a-car-tei-ra – disse o maior dos dois, cuspidando cada palavra como um insulto.

Seth balançou a cabeça. O menor deles atacou.

Eu gritei. Houve uma luta que durou uma breve eternidade, o som pavoroso de punhos acertando carne e ossos, e depois o atacante cambaleou para trás e caiu no chão com o nariz sangrando. Seth ofegava, massageando os dedos doloridos pela força com que havia agredido o garoto, mas, fora isso, ileso. Sem o capuz, era evidente que o ladrão era só um garoto magrelo de dezesseis anos, pálido por passar muitas horas na frente da TV. Não era páreo para Seth, que passava todas as horas livres no mar puxando cordas e cabos.

Eu me preparava para correr na direção de Seth quando senti alguma coisa me agarrar pelo cabelo. E a pressão gelada em minha garganta. Seth ficou quieto de repente, pálido e furioso, com todos os músculos do corpo tensos.

– Entregue a droga da carteira, ou quer sua namorada sangrando por um buraco diferente? – sussurrou o garoto maior, e sua voz sibilante e baixa era mais assustadora do que qualquer grito.

Eu me mantinha muito quieta, sentindo o frio da lâmina contra a garganta enquanto Seth entregava a carteira em silêncio. O garoto

largou meu cabelo para pegar a carteira, e eu caí para a frente nos braços de Seth.

– Otário – disse o ladrão, e se virou para ir embora. Quando ele girou o corpo, a faca brilhou novamente. Dessa vez na direção de Seth.

Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Vi o brilho da lâmina se aproximando das costelas de Seth, ouvi o ruído do tecido rasgando e o gemido de dor quando Seth se dobrou para a frente depois do golpe. O sangue irrompeu em sua camisa. E eu senti meu poder, contido há tanto tempo, despertar e ferver e explodir dentro de mim como um grito.

– *NÃO!*

Houve um lampejo branco, como a explosão de uma bomba, um círculo de poder que se espalhava em ondas. Os dois corpos foram lançados para trás, contra as paredes do beco, e o impacto provocou um barulho pavoroso e alto. A luz ofuscante gravou uma imagem em minhas retinas: corpos como bonecos de pano colados na pedra dura. Depois a escuridão outra vez. Meus olhos se ajustaram à penumbra e eu os vi caídos no chão, imóveis, sangrando pelo nariz e pelas orelhas.

Cambaleei, senti as pernas fracas com a repentina explosão de poder, e então Seth, que estava ao meu lado, me abraçou, segurando meu rosto e meus ombros com força.

– Anna, Anna, você está bem?

– Sim – respondi ofegante. – E você?

Ele olhou para a própria camisa, rasgada e manchada de sangue, e depois a levantou para examinar as costelas. Um corte ensanguentado atravessava a lateral de seu corpo.

– Vai sarar.

– Ah! – suspirei. – Como eles foram capazes? Como? Senti tanto medo...

Olhamos para os dois corpos e um medo renovado me invadiu.

– Você acha...?

– Não sei – disse Seth. E se ajoelhou com cuidado ao lado do garoto mais velho, tocando seu pescoço. – Tem pulso. – Ele

repetiu o gesto com o outro ladrão. – Os dois estão vivos, graças a Deus. Acho que você só desmaiou os caras.

Seth pegou a faca e a limpou na camisa ensanguentada, depois recuperou a carteira e os telefones que estavam com o garoto mais velho. Ouvei uma sirene bem perto de onde estávamos, e nós dois ficamos parados e rígidos como se qualquer movimento pudesse atrair a viatura. Ela passou a caminho da rua principal, e ouvi o suspiro de alívio de Seth ecoar o meu.

– Temos que sair daqui – disse Seth. – Tem alguma coisa neles que possa nos identificar?

– Só a faca, seu sangue... – Limpei a lâmina outra vez e a enxaguei em uma poça. Não ia adiantar muito se a perícia fosse acionada, mas eu torcia para que não chegassem a isso.

– Quando os encontrarem, vão pensar que eles se meteram em uma briga de que não conseguem se lembrar. É o que espero – disse Seth, abotoando o casaco sobre as manchas de sangue.

– Se os encontrarem.

– Eles vão ficar *bem* – Seth declarou, enfático. – Anna, escute, os dois estão respirando; vão ficar bem. Agora venha, vamos sair daqui.

Caminhamos rapidamente pelo beco. A rua principal estava vazia quando voltamos a ela, e seguimos para o carro tão depressa quanto era possível, sem despertar suspeitas. Minhas mãos tremiam depois da descarga de adrenalina.

No carro, Seth ligou o motor. Ele se preparava para sair quando eu disse:

– Espere, espere um segundo...

Havia uma cabine telefônica em um canto do estacionamento, e eu corri até lá e liguei para o número de emergência.

– Ambulância – falei ofegante em resposta à pergunta do operador, e depois, quando a ligação foi transferida: – Por favor, mandem uma ambulância para o beco que sai da rua principal em Brighthaven. Não sei qual é o nome do beco, mas fica entre a Topshop e o Salão de Chá da Milly. Tem dois homens caídos; eles se envolveram em uma briga. Estão inconscientes, mas respirando.

– Certo. Pode me dar seu nome, por favor? – pediu a voz do outro lado.

Desliguei e corri para o carro.

*

Fiquei em silêncio no caminho de volta, tentando me controlar. Seth me olhava de lado na penumbra, e eu podia sentir sua preocupação.

– Tudo bem, Anna – ele disse finalmente. – Vai ficar tudo bem.

– Você não pode saber. – Eu olhava para os túneis dourados dos faróis; um coelho assustado pulou para uma cerca viva como um lampejo branco. – Estraguei nossa noite; estraguei tudo.

– Não diga isso – Seth falou zangado. – Não estragou nada. Aqueles caras podiam ter matado a gente. Você nos tirou de lá da única maneira possível. Estaríamos falando sobre isso se você tivesse batido com uma pedra na cabeça deles?

Provavelmente. Mas, de qualquer maneira, havia uma enorme diferença, e Seth sabia disso. Eu era uma bruxa, os dois garotos eram só pessoas comuns, sem poderes para se defender. Eu havia usado uma arma ilegal em uma luta injusta – e havia colocado Seth e eu mesma em perigo.

Desde o encontro com os Ealdwitan no ano passado, eu havia prometido a mim mesma que nunca mais usaria magia e, até agora, cumpria a promessa. Não havia recebido mais visitas aterrorizantes dos “empregados” dos Ealdwitan e seus ternos cinza, não tinha acontecido mais nenhuma tentativa de recrutamento pela porta dos fundos, só uma carta oficial e direta com um brasão do corvo, uma mensagem lamentando “um infeliz incidente em junho passado, quando parte de nossa equipe foi além de suas responsabilidades e cometeu erros de julgamento”.

Esses “erros de julgamento” haviam resultado na morte de um dos nossos amigos, na inundação da cidade de Winter e na destruição da maior parte do Castelo Winter. E tudo por causa da minha incapacidade de controlar meus poderes.

A carta dos Ealdwitan prometia que “não haveria mais nenhuma ação, desde que os termos e condições acordados anteriormente fossem cumpridos”. O que significava, traduzindo em termos claros: nada de enfeitiçar pessoas comuns e nada de praticar magia. Não era só a reação da polícia que tínhamos que temer depois da explosão desta noite, mas a fúria dos Ealdwitan também, se eles ficassem sabendo disso.

A viagem de volta do Brighthaven foi longa, e eu já tinha recuperado o controle quando Seth percorreu a trilha no bosque para a Casa Wicker. Ele parou na frente da casa e segurou minha mão.

– Quer que eu entre?

Balancei a cabeça. Estava pensando na camisa ensanguentada e na provável reação do meu pai.

– Melhor não. Sua camisa. Você sabe... Meu pai vai fazer perguntas.

Seth assentiu.

– Tudo bem. Mas não se preocupe com isso, Anna. Você fez o que tinha de fazer. Ninguém precisa saber sobre isso.

Assenti séria, mas Seth deve ter lido minha expressão hesitante, porque me puxou na direção dele e me beijou forte.

– Amo você, Anna. Por favor, não vá se atormentar. Você promete? Durma bem, tenha um bom dia amanhã com Emmaline e tire tudo isso da sua cabeça. Promete?

– Prometo – respondi com um nó na garganta.

CAPÍTULO DOIS

No dia seguinte tentei cumprir o que havia prometido a Seth, mas não consegui me conter e, durante o café da manhã, acabei ouvindo os noticiários locais. Meu pai desceu e me encontrou ouvindo a Coast FM enquanto preparava torrada no fogão e fez uma careta cômica parado na porta da cozinha.

– O que é isso? Acordada antes das dez nas férias escolares? E o que aconteceu com o programa *Today*?

– Senti vontade de mudar – respondi desconfortável. – E acordei cedo porque hoje vou a Londres com Emmaline, lembra? Vamos nos encontrar às nove na estação.

– É claro, eu havia esquecido. Precisa de uma carona?

– Vou pedalando – respondi, e parei de falar para prestar atenção às notícias.

Meu pai falava sobre os preparativos que ainda precisava fazer para o Natal: comida, decoração, essas coisas; mas eu não estava prestando atenção. Ouvia com desespero esperando alguma menção aos dois corpos encontrados no beco em Brighthaven. Mas não havia nenhuma notícia, o que significava que não estavam mortos, pelo menos. Havia poucos crimes na região, nada além de pequenos furtos em lojas e garotos fumando maconha. Uma morte – duas, então – teria ocupado os noticiários locais por semanas. Quando o jornal terminou, suspirei aliviada e voltei a dar atenção a meu pai.

– Desculpe, pai, o que disse?

– Disse que são oito e meia. Se não quer perder o trem, é melhor se apressar.

– Droga! – Olhei para o relógio na parede, acima do fogão. – Tenho que correr. Tchau, pai.

Eu o beijei e corri para a porta, parando apenas para pegar o capacete de ciclista e a roupa de chuva. Tudo indicava que ia cair um temporal.

*

Emmaline esperava na plataforma quando eu cheguei correndo, ofegante e com calor. Ela baixou os óculos quando me aproximei e me olhou por cima das lentes, com cara de professora.

– Desculpe, desculpe – pedi, vendo que ela batia com o dedo no relógio enfaticamente. – Tive um probleminha.

Emmaline bufou.

– Quer dizer que dormiu demais! Você e Seth ficaram até tarde declarando o amor infinito que têm um pelo outro?

– Não exatamente – respondi irritada, e contei sobre o assalto no beco. – Demorei porque esperei para ouvir o boletim da Coast FM.

– E?

– Nada, felizmente.

– Então, eles não morreram – Emmaline conclui pensativa. – Parece que desta vez você escapou.

– *Desta* vez. Mas e na próxima vez que eu perder o controle? Estou apavorada, Emma. Eu precisava me esforçar muito para fazer qualquer tipo de magia, e agora tenho que me esforçar para *não* fazer. Não consigo mais me controlar, são centelhas elétricas, nuvens de borboletas... Ontem à noite fiz cair flocos de neve no restaurante.

O trem chegou nesse momento e houve uma interrupção momentânea enquanto procurávamos assentos vazios e nos acomodávamos em um vagão. Tão perto assim do Natal o movimento diminuía, e conseguimos encontrar um compartimento só para nós. Guardei as bolsas no compartimento de bagagens e saímos da estação ao som do apito do guarda.

Emmaline estivera pensando no que tinha acabado de ouvir, era evidente, porque, assim que nos sentamos, ela disse:

- Acha que está seguindo pelo caminho errado?
- Como assim?
- Esses... vazamentos, ou sei lá como os chama.

Dou risada.

- Ótima terminologia! Devo acrescentar absorventes para incontinência na minha lista de presentes de Natal?

Emmaline riu.

- Você sabe o que eu quero dizer. Talvez esteja se esforçando demais para *não* fazer nenhum tipo de magia. O poder vai acumulando, acumulando, e tem que sair de algum jeito, e acaba escapando quando você se concentra em outras coisas, em momentos de estresse emocional, ou alguma coisa assim. Uma pequena distração, como, digamos, sr. Waters piscando seus lindos olhos para você, e ocorre um pequeno vazamento; uma grande distração, como, digamos, uma tentativa de assalto, e acontece um grande vazamento.

Pensei na teoria dela enquanto via passar a paisagem de inverno lá fora; campos molhados e escuros, árvores sem folhas, poças de orvalho matinal nas áreas mais baixas. Os postes do telégrafo refletiam o barulho do trem como um pulso humano.

- Pode ter alguma lógica nisso – eu disse finalmente. – Então, qual é a solução?

– Deixe o poder fluir, com segurança.

– Mas e...

Emmaline não esperou eu concluir a frase, não era necessário.

- Longe da fronteira, assim os Ealdwitan não podem protestar. As aulas que minha mãe ofereceu podem não ser tão ruins.

Ela deve ter visto alguma coisa em meu rosto – o silêncio entorpecido, talvez – porque se inclinou para a frente, sobre o vão entre as poltronas, repentinamente séria.

- Escute, sei que está tentando ser normal, e não quero ser chata e pessimista, mas você *precisa* manter isso sob controle. Está ficando pior, não é?

Respondo movendo a cabeça para cima e para baixo, sem abrir a boca.

Ela continua:

– Seus níveis de estresse só vão aumentar. E se alguma coisa *realmente* séria acontecer e você explodir?

Desviei os olhos dos dela, olhei para a janela. Aulas. Bruxaria. Eu realmente estava preparada para abandonar completamente minha antiga vida? Eu tinha alguma escolha?

– Podemos tentar – falei depois de um tempo. Era mais para me livrar da pressão de Emmaline do que por estar convencida do que ela dizia.

– Tudo bem. Bom. Enfim, o mais importante – ela diz, mudando de assunto com determinação –, o que vamos fazer em Londres?

Faço um esforço para voltar a pensar em assuntos agradáveis.

– Bem, pensei em Selfridges e depois Bond Street, talvez. Meu pai me deu dinheiro para comprar roupas, e provavelmente vou encontrar alguma coisa lá. E ele me pediu que passasse na Fortnum's e comprasse algumas coisas para o almoço de Natal. Também vou comprar livros de presente para ele, o que significa que vou dar uma olhada na Hatchards. É uma livraria – explico, notando que Emma levanta uma sobrancelha. – O que quer fazer?

– Notei que está gostando de bancar a urbana antenada, mas não precisa ficar lembrando que sou só uma provinciana sem graça. Todas as sugestões são boas. Vou comprar roupas para Sienna, então, Selfridges serve, e Abe e Simon vão ganhar livros, o que significa que a Hatchets também serve.

– Hatchards – corrijo automaticamente.

– Ninguém gosta de uma sabe-tudo, Anna. O que vai comprar para Seth?

– Ah, o presente dele já está resolvido. E sua mãe?

– Não sei... Pensei em comprar alguma coisa um pouco diferente, uma antiguidade, talvez. Conhece algum lugar assim? Tipo um brechó?

– Não em Piccadilly – falei hesitante. – A menos que queira gastar muito. Mas podemos ir ao mercado Portobello. Fica perto de onde eu morava.

Acabamos andando até Notting Hill. Carregávamos uma montanha de sacolas de compras em cada braço e segurávamos um *bourek* quente que queimava a mão – era nosso almoço.

– Tem uma padaria – falei entre uma mordida e outra de queijo *feta* escaldante – que faz aquelas tortinhas portuguesas incríveis. Fica nesta rua, mesmo. Vamos até lá tomar um café e comer uma sobremesa?

– Você tem *muita* sorte – suspirou Emmaline com uma ternura incomum. – Crescer nesta região, com todas essas lojas maravilhosas, os cinemas, as danceterias...

– As danceterias não tinham muita utilidade – interrompi com pesar. – Mudei daqui antes de alguém acreditar no meu RG falso. Enfim, não tenho mais sorte. Agora sou só mais uma provinciana sem graça, lembra?

– Mas vai voltar, não vai? Para fazer faculdade, quero dizer?

– Não sei... talvez.

A sra. Wright havia insistido para eu me candidatar a Oxford, mas eu ainda não tinha certeza. Estava meio desanimada com os boatos sobre o envolvimento dos Ealdwitan em algumas faculdades, mas não queria contar isso a Emmaline. Meu pai havia estudado em Magdalen, e eu sabia que ele ficaria muito orgulhoso se eu seguisse seus passos. E havia Seth, é claro, que não seria aceito em Oxford ou Cambridge com as notas que tinha – e nem ia querer nada disso. Ele pretendia estudar Biologia Marinha e planejava se candidatar a Plymouth, Bangor e UHI no extremo norte da Escócia. De qualquer maneira, eu o veria bem pouco, a menos que decidisse estudar em uma faculdade no litoral.

Olhei em volta procurando alguma coisa para mudar de assunto e parei de repente. Estávamos andando em direção à padaria portuguesa sem prestar atenção, e eu nem notava para onde meus pés me levavam.

– Emmaline, veja! Olhe onde estamos!

– O quê? – Ela olhou para um lado e para o outro. – É uma rua como todas as outras. É famosa?

– É a *minha* rua! A rua onde meu pai e eu morávamos. – Parei na frente do número 31 e olhei para as linhas limpas do sobrado. –

E essa é nossa casa. Estou em casa!

– Esta? – Emmaline apontou com o polegar para a porta verde. – Esta aqui é a sua casa?

Assenti.

– Aquele é meu quarto. – Apontei para o segundo andar. A janela ainda tinha um adesivo do CND, lembrança da minha fase de paixão pelo Partido Verde.

– Eca. – Emmaline se arrepiou e recuou.

– Qual é o problema? – De repente me sentia profundamente ofendida. Aquela era a casa onde eu havia nascido e crescido, onde estavam todas as minhas lembranças de infância. Pensei em meu pai na cozinha comigo, assando meus primeiros *cupcakes*, todos murchos e queimados. Lembrei-me de subir na cama dele nas manhãs de domingo para tomar leite quente e comer biscoitos de chocolate, de deixar as marcas dos meus dedos sujos de chocolate na colcha da cama e no *Sunday Times*. Todas as lembranças da minha vida antes de Winter, todas estavam relacionadas com aquela casa branca e alta. Ela havia sido meu lar por mais de dezessete anos e, de certa forma, seria sempre um lar como Winter nunca poderia ser. Cada milímetro de mim se rebelava contra a reação de Emmaline. – Que diabos você quer dizer com “eca”?

– Anna, esse lugar transborda magia. Não está sentindo?

Com grande esforço, superei o momento de nostalgia e olhei novamente para a casa, agora com olhos de bruxa.

Ela estava certa. Uma estranha força mágica pulsava sobre toda a frente da casa. Era incrível que eu não houvesse notado antes – o cheiro ruim da magia foi como uma bofetada em meu rosto. Depois que *percebi*, não consegui controlar um arrepio que fez meu corpo todo tremer.

– O que é isso?

– Não faço ideia, mas vem de *lá*. – Emmaline apontou com desgosto para a escada na frente da casa.

– Não podemos descobrir o que é isso?

– Acho que deve haver alguma coisa enterrada ali. É muito localizado para ser qualquer coisa genérica. Deve ser um

encantamento, mas não podemos ter certeza sem ver.

– Então, o que está sugerindo? Temos que desenterrar essa coisa?

Emmaline assentiu.

– Mas... o chão é de pedra! E não temos nenhuma ferramenta!

Emmaline revirou os olhos.

– Não precisamos de ferramentas, sua tonta. Esqueceu seus poderes?

– Mas... *aqui*? Na frente de todo mundo?

– Está vendo alguém aqui? – Emmaline perguntou. – De qualquer maneira, posso criar um escudo para esconder a gente de quem passar pela rua. Não é difícil criar um feitiço refletor. – Ela foi bater na porta e esperou um momento. – Não tem ninguém em casa, o que é bom. Vamos lá, você explode a escada e eu mantenho a gente escondida.

Ela olhou para os dois lados da rua e, bem nesse momento, o rosto de uma senhora surgiu curioso na janela do outro lado. Emmaline apontou um dedo para ela de maneira imperiosa; o rosto da mulher se tornou inexpressivo e ela voltou ao interior da casa com um súbito desinteresse.

– Vai! – Emmaline me apressou. – Esse vai ser um bom teste da minha teoria sobre a sua incontinência mágica. Deixe sair um pouco, e veremos se vai haver algum vazamento esta noite.

– Emma, por favor, não quero.

– Pelo amor de Deus, por que não?

– Precisa perguntar? Depois do que aconteceu no ano passado?

– Ah, por favor! Você não tem notícia dos Ealdwitan há meses. Não acredito que isso tem alguma coisa a ver com eles; você quer fingir que é a forasteira só para formar um casal perfeito com Seth. Além do mais, não se incomodou quando explodiu todos eles em pedacinhos no verão passado, incomodou?

– Aquilo não foi uma escolha. Foi uma necessidade.

– Bem, pense nisso como uma necessidade – Emma disse. – Vou levantar aquele degrau; se você gosta de como tem vivido

livre dos Ealdwitan, trate de criar um escudo para mim. – Ela apontou o degrau e levantou uma sobrancelha.

– Não sei como!

– Ah, é claro que sabe, não é difícil. Só precisa pensar em coisas que, sabe, encobrem. Se alguém aparecer para olhar, diga que não há nada com o que se preocupar. Pronta?

Fiquei tensa, me preparei para esconder nós duas de qualquer pessoa que passasse por ali, mas nada aconteceu. Eu sentia o poder pulsando com intensidade dolorosa no centro do meu corpo, mas não conseguia ter acesso a ele. Era como estar no banheiro e sentir uma vontade desesperada de fazer xixi, mas ouvir alguém na casinha ao lado e não conseguir relaxar.

Emmaline apontou o dedo para o degrau e eu gritei:

– Pare!

– O que é?

– Não consigo! – avisei desesperada. – Não consigo trazer a magia para fora. É como se ela estivesse presa.

– Não seja idiota – Emma disse de imediato. – Está preocupada com o que aconteceu ontem à noite. Não force. Apenas relaxe...

Eu me sacudi, respirei fundo algumas vezes e tentei deixar a magia fluir. Nada. Nada. Nada! O que estava acontecendo?

– Anna, estou avisando, vou levantar aquele degrau em cinco... quatro... três...

– Não consigo! – disse, soltando um gemido. – Não sei o que está acontecendo, mas simplesmente não consigo. Alguém vai ver a gente.

– Ah, pelo amor de Deus, tenho que fazer tudo sozinha aqui? – Emmaline se irritou. Seus ombros ficaram tensos, e percebi que ela tentava desesperadamente formar um escudo de proteção e reservar poder suficiente para levantar o degrau. Houve um momento de esforço, uma luta interna, e depois um estalo, e a terra explodiu em um pequeno vulcão. A terra rica transbordou pelas rachaduras na pedra. Emmaline deixou escapar um grande suspiro de alívio, e nós duas corremos para examinar a terra. Lá, no meio dela, havia um pequeno embrulho de material impermeável manchado, coberto de terra e amarrado com

barbante vermelho. O cheiro de magia era tão forte que eu mal conseguia tocá-lo, mas com um grande esforço, peguei o pacote do chão e joguei dentro de uma das sacolas de compras. Depois, olhando rapidamente para os dois lados da rua, Emmaline empurrou a terra de volta para o chão e devolveu o degrau ao lugar, e a casa e sua varanda recuperaram a aparência que tiveram durante todos os anos em que morei ali.

*

Na padaria portuguesa, pedimos pastéis de nata e café, embora eu não precisasse de nada que pudesse fazer minhas mãos tremerem mais, e fomos nos sentar em uma mesa tranquila no pequeno ambiente dos fundos. Eu estava preocupada demais para beber. O pacote desenterrado parecia estar abrindo um buraco na sacola plástica de compras.

– O que vamos fazer com... *isso*? – perguntei finalmente em voz baixa.

– Não sei. – Emmaline roeu a unha. – Queria saber o que é. Parece ser... ruim. Acho que temos de abri-lo.

– O quê? Aqui? – perguntei incrédula. – Mas e se houver nele algum tipo de magia do mal, e ela vazar e... matar alguém, talvez?

– Não *acredito* que as consequências sejam tão terríveis. Quero dizer, esse negócio está enterrado embaixo da entrada da sua casa há muito tempo, pelo jeito, e a vizinhança parece estar bem. Se existe algum perigo, aposto que as ameaçadas seremos nós duas. Mas quais são as opções? Ou deixamos aqui, ou levamos o pacote para casa, certo?

– Não podemos deixar isso aqui – sugeri imediatamente.

Emmaline assentiu com ar sombrio.

– E não vou deixar você levar essa coisa para Winter sem antes ver o que é. Além do mais, não quer saber o que esteve escondido na porta da sua casa durante todos esses anos? Não quer ver?

Queria. Eu queria ver. Pus a sacola em cima da mesa e peguei o pacotinho de dentro dela.

Apesar do incentivo, Emmaline se inclinou para trás ao sentir o forte cheiro de magia. Eu também recuei. O pacote emanava uma sensação bizarra de entorpecimento que eu nunca havia experimentado antes. Mal conseguia me aproximar, mas me obriguei a desfazer o nó no barbante vermelho, depois removi o papel impermeável sujo de terra. Meus olhos lacrimejavam.

– Por favor! – Emmaline estava inclinada para trás na cadeira, tão afastada quanto era possível, o rosto voltado para longe do pacote. – Acabe logo com isso. Olhe o que é, depois jogue essa coisa de volta na sacola.

Através das lágrimas, vi pedaços de alguma coisa... uma espécie de papiro. Eram dois pedaços, e quando desdobrei o primeiro, vi que havia nele uma inscrição. Letras pequenas e rebuscadas cobriam a página. Mas os sinais dançavam diante do meu rosto e eu não conseguia decifrar as palavras. Na verdade, aquelas coisas nem pareciam ser letras.

– Não consigo ler. Quer tentar? – Empurrei o papel na direção de Emma, e ela se esquivou rapidamente.

– Anna, por favor! Tire essa coisa daqui! Não, também não consigo ler. Parece... – Superando o desgosto, ela se aproximou um pouco para olhar melhor, os olhos lacrimejando como os meus pelo esforço e a proximidade. – Parece grego, ou russo talvez? – A repugnância foi mais forte, e ela empurrou o papel para longe. – Ponha isso na sacola; lamento ter pedido que você olhasse. Isso está além da minha compreensão, eu definitivamente não sei o que é isso. Apenas... apenas embrulhe isso. Vamos levar para casa. Talvez minha mãe saiba o que fazer.

Dobrei o papel, embrulhei da melhor maneira possível, escondi o pacote na sacola plástica mais grossa que tínhamos e o guardei no fundo de outra sacola de compras. Emmaline estremeceu e limpou as mãos involuntariamente na minissaia *jeans*. Assim que terminamos de tomar o café, pagamos a conta e saímos, felizes por podermos respirar ar fresco, finalmente.

CAPÍTULO TRÊS

– Que magia *nojenta* é essa?

Maya estava na porta quando subimos a escada para o apartamento, cansadas de corpo e alma e abaladas com o cheiro horrível do pacote dentro da sacola.

– Que bom que perguntou – Emmaline disse com tom azedo. – É uma lembrancinha da antiga casa de Anna.

Abri a sacola para mostrar a Maya o pacotinho, e ela recuou enojada.

– Meu Deus, de onde tirou a ideia de trazer isso para cá? E se for perigoso?

– Desenterramos esse embrulhinho na frente da porta da casa da Anna – contou Emma. – Não podíamos jogar na rua.

– Não, mas... ai, Senhor! – Maya levantou as cabeças como se sentisse dor. – Por que desenterraram isso? Não... não respondam. Entendo que precisavam saber... mas o que vamos fazer?

– Esperávamos que você tivesse uma ideia. – O rosto de Emmaline expressava desânimo, e de repente ela parecia amedrontada. – É um texto de magia, mas em um idioma estrangeiro. Russo, eu acho. Não conseguimos ler.

– Tudo bem, tudo bem, vamos pensar. Simon, talvez? É bem a cara dele. Talvez ele consiga ler esse texto, ou, se não souber, talvez nos ensine como descartar o pacote com segurança.

– Ótima ideia – Emmaline respondeu com gratidão. – Vou telefonar para ele agora.

Emma foi em direção ao aparelho de telefone no canto do apartamento. Enquanto ela discava, Maya levou o pacotinho para

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma bruxa apaixonada (Trilogia Winter)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).